



Relatório Anual 2011

greenpeace.org.br

GREENPEACE

CONTEÚDO

- 04 Mensagem do conselho
- 05 Mensagem da direção
- 06 Seu apoio, nossa independência
Diálogo direto com o público
- 07 Os verdadeiros guerreiros do arco-íris
- 08 O planeta dá seu alerta
Faça o que eu digo não o que eu faço
- 09 Revolução na lei
Onde o país se renovou
- 10 O clima dá o troco
O carbono é nosso
- 11 Santuário ameaçado:
a exploração de óleo em Abrolhos
Resposta rápida
- 12 Nossa maior riqueza
- 13 O código da motosserra
- 14 Soja com lastro ambiental
Monitoramento constante
- 15 Relatório financeiro



insegurança
nuclear não.

GREENPEACE
www.greenpeace.org.br

BNDES financia a insegurança
Energia nuclear não.



GREENPEACE
www.greenpeace.org.br

EXPEDIENTE

ASSOCIAÇÃO CIVIL GREENPEACE

Conselho diretor

Presidente
Conselheiros

Rachel Biderman
Laura Valente
Leda Machado
Marcelo Estravitz
Marcos Nisti
Oskar Metsavaht
Marcelo Furtado
Annette Cotter
Sérgio Leitão

Diretor-executivo
Diretora de campanhas
Diretor de políticas públicas
Diretora de mobilização
e comunicação
Diretor de marketing e
captação de recursos
Diretora do organizacional

Lisa Gunn
André Bogdan
Karla Battistella

RELATÓRIO ANUAL 2011

Editor

Editora de fotografia
Redatores

Estagiária
Designer gráfico
Impressão
Tiragem

Leonardo Medeiros
MTb 39511
Danielle Bambace
Danielle Bambace
Marina Yamaoka
Nathália Clark
Ximena Leiva
Ana Carolina Nunes
W5 Criação e Design
Hawaii Gráfica & Editora
500 exemplares

foto capa

Vista aérea do arquipélago de
Anavilhanas no Rio Negro (AM)

© Greenpeace/Rogério Reys/Tyba

MENSAGEM DO CONSELHO



Renata Ursula/Divulgação

O Greenpeace é uma organização que ajuda a sociedade brasileira a entender a gravidade dos problemas ambientais que afligem o Brasil e o mundo. Neste ano tivemos perdas importantes, como a aprovação do novo Código Florestal que poderá alterar a paisagem do país, comprometer a produção de água, afetar o clima no país e no planeta, e ainda impactar nossa capacidade de produção agropecuária.

Junto com outras entidades e lideranças da sociedade civil, o Greenpeace esteve presente na luta contra a alteração do Código Florestal, alertando sobre os principais problemas e impactos da alteração da legislação ambiental no país. Essa mudança será sentida no campo e a história em breve registrará alterações substanciais na sustentabilidade ambiental deste país. Infelizmente, algumas batalhas foram perdidas, mas a campanha pelo Desmatamento Zero continua e contamos com todos vocês nessa empreitada.

O tema das mudanças climáticas, o maior desafio que afeta a humanidade na atualidade, merece toda nossa atenção e engajamento. O nível do problema se agrava uma vez que as alterações no clima são problema do presente, e não uma hipótese futura. O impacto sobre as vidas dos brasileiros já pode ser sentido em função de secas, inundações, deslizamentos, quebra de produtividade agrícola, dentre outros. É preciso que todos busquem entender a magnitude do problema e se engajem.

O Greenpeace permite isso, pois é porta-voz da vontade e do sentimento de milhares de brasileiros.

É hora das lideranças brasileiras mudarem seu discurso e prática e partirem para ações concretas que permitam ao Brasil ser líder da economia de baixo carbono. Não é isso que a prática tem demonstrado. A política energética brasileira caminha na contramão, apostando na exploração de mais petróleo, ao invés de investir nas novas tecnologias para produção de energia renovável. Onde está o investimento com dinheiro público na nova matriz energética que deverá dominar o planeta no século 21? Por que nosso

dinheiro é investido num modelo energético ultrapassado? O Greenpeace tem alertado para a exploração do pré-sal, acreditando que temos o papel de apoiar a ação cidadã em prol de um país vanguardista e não retrógrado, em todos os sentidos, e, principalmente, na matriz da economia, que é o setor energético.

Como entidade ativista e de mobilização social, o Greenpeace tem contribuído para manter a sociedade brasileira informada e engajada no combate aos principais problemas socioambientais que afetam o país e a humanidade. A contribuição de indivíduos é que nos permite fazer isso de forma independente, profissional e focada. Devemos um profundo agradecimento a todos os colaboradores que se engajam conosco nessa luta. Sem nossa equipe de profissionais que lidam com questões complexas e situações complicadas na equipe do Greenpeace, tampouco teríamos sucesso. Um especial parabéns para vocês!

Devemos um enorme obrigado aos nossos voluntários, ativos e combatentes guerreiros do arco-íris, que transformam sonhos em ação por um planeta mais saudável e pela sustentabilidade de todas as formas de vida. Aos conselheiros que nos apoiam e permitem uma ação estratégica da organização, agradecemos imensamente também.

E para aqueles que ainda não nos conhecem, convidamos para visitar-nos virtual ou fisicamente, para compreenderem a magnitude desse trabalho que inclui muita pesquisa, interação com atores sociais relevantes, planejamento estratégico e mobilização. Greenpeace é sinônimo de seriedade, dedicação, coragem e sobretudo não-violência. Trabalhamos de forma pacífica para apontar soluções viáveis em prol de um planeta sustentável e de uma sociedade mais justa.

RACHEL BIDERMAN
Presidente do Conselho do Greenpeace Brasil

MENSAGEM DA DIREÇÃO



É com muita satisfação que apresentamos mais um balanço das atividades do Greenpeace Brasil. Ao longo do ano passado, nosso trabalho se focou, principalmente, em duas vertentes. A primeira delas foi mobilizar o país contra as investidas da bancada ruralista no Congresso Nacional para aumentar o desmatamento e enfraquecer o código Florestal. Paralelamente, continuamos a apontar a urgência da adoção de medidas para mitigar os já aparentes efeitos das mudanças climáticas.

A inconsequente ação humana sobre o meio ambiente tem se voltado contra o próprio homem. No início de 2011, centenas de vidas foram ceifadas e outras milhares de pessoas ficaram desabrigadas por conta das fortes chuvas e deslizamentos que atingiram a zona serrana do Estado do Rio de Janeiro. O Greenpeace esteve lá para documentar a tragédia e mostrar que, embora não se possa simplificar suas causas, o desmatamento indiscriminado de encostas e ciclos climáticos irregulares podem ser incluídos entre os fatores que contribuíram para o triste cenário.

Com a consolidação do Brasil como sexta maior economia do mundo, os desafios ambientais ficam cada vez mais evidentes. Infelizmente, a ideia de crescimento de nossos políticos ainda se assemelha àquela dos militares dos anos 1970, quando o meio ambiente era considerado um empecilho em lugar de um ativo capaz de gerar prosperidade para esta e para as futuras gerações.

A aprovação do novo Código Florestal é mostra disso. O trabalho do Greenpeace para tentar evitar o pior foi levar ao conhecimento da população os perigos das mudanças propostas e, junto com outras organizações, pressionar a presidente Dilma Rousseff a vetar o projeto. Foi assim que o “Veta, Dilma” chegou às ruas e às redes sociais em uma mostra de que a sociedade civil está atenta e pronta a se mobilizar para defender seus interesses.

Ao mesmo tempo em que ruralistas se mexiam para desfigurar o código Florestal, o Projeto de lei de Renováveis, que asseguraria prioridade e subsídios a matrizes energéticas limpas, continuou parado no Congresso. Chamamos a atenção para esta incongruência em fevereiro, quando protestamos contra a lentidão com que este projeto tramita atualmente – mais um sinal de que o meio ambiente não está na agenda de prioridades de nossos políticos.

Em março, o desastre de Fukushima chocou o planeta e mostrou aquilo que o Greenpeace vem dizendo há muito tempo: não existe segurança para a energia nuclear. A despeito das evidentes lições, o Brasil continua na contramão. Com tanto potencial para gerar energia limpa a partir de fontes renováveis, insiste em um projeto caro e perigoso como Angra 3. Além disso, anuncia a intenção de construir outras usinas nucleares pelo país.

Por falar no setor de energias, o pré-sal tornou-se um novo frenesi no Brasil, propagandeado como a solução para os problemas econômicos e sociais do país. O avanço da exploração de petróleo em direção ao mar, porém, tem ignorado os riscos a uma biodiversidade de riqueza imensurável. Por isso, em agosto lançamos uma campanha para proteger Abrolhos, na Bahia. Fomos até petroleiras e ao governo pedir uma moratória de 20 anos na exploração de óleo e gás ao redor do maior recife de corais do Atlântico Sul.

As páginas a seguir registram com mais detalhes o ano de 2011. Graças a seu apoio, consolidamos nosso papel como parceiros de uma sociedade que tem clara a necessidade de um futuro sustentável. Agradecemos o empenho dos voluntários, dos funcionários e do conselho do Greenpeace Brasil, que possibilitaram que tudo isso fosse realizado. Em especial, agradecemos aos mais de 30 mil colaboradores, que acreditaram em nosso trabalho e nos apoiaram ao longo de 2011. Continuem conosco.

MARCELO FURTADO
Diretor-executivo do Greenpeace Brasil

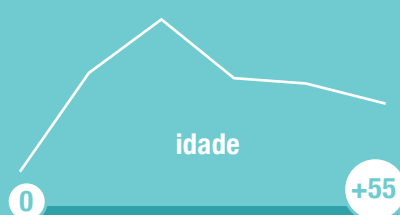
SEU APOIO, NOSSA INDEPENDÊNCIA

O Greenpeace é uma organização independente, que não aceita dinheiro de empresas, governos ou partidos políticos. Sendo assim, as doações que permitem o trabalho da organização só podem ser feitas por indivíduos.

Os colaboradores são um dos alicerces que permitem que a organização continue existindo com independência, denunciando crimes ambientais e propondo soluções.

PERFIL DOS COLABORADORES - 2011

Colaboradores em 2011 = **35.415**



Faixa etária %

Até 18 anos	2%
De 18 a 25 anos	19%
De 26 a 35 anos	30%
De 36 a 45 anos	18%
De 46 a 55 anos	17%
Mais de 55 anos	13%

Sexo %

Masculino	54%
Feminino	46%

Região %

Sudeste	72%
Sul	15%
Nordeste	8%
Centro-Oeste	3%
Norte	2%

DIÁLOGO DIRETO COM O PÚBLICO

Em 2011, o trabalho do time de captação de recursos nas ruas, online e por telemarketing aumentou em 17% o número de colaboradores do Greenpeace no Brasil.

A principal mudança foi na equipe do Diálogo Direto, que passou por uma remodelação e capacitação. Representantes do Greenpeace Internacional, com mais de 40 anos de experiências bem sucedidas na Suécia e no Canadá, vieram ao Brasil treinar os novos captadores.



©Greenpeace/Rodrigo Paiva

Em busca de apoio e recursos a causas ambientais urgentes, os captadores agora podem filiar novos colaboradores e receber doações no ato, por meio de cartões de débito ou crédito.

Em São Paulo, o investimento começou a dar resultados. A eficiência na gestão da equipe de Diálogo Direto permitiu expandir o trabalho, antes concentrado apenas na região metropolitana de São Paulo, para Osasco, Santo André, São Bernardo e São Caetano.

OS VERDADEIROS GUERREIROS DO ARCO-ÍRIS

Os voluntários do Greenpeace são responsáveis por levar a mensagem da organização às ruas. No Brasil, o grupo conta com quase 300 pessoas em oito capitais. São eles que dão suporte a ações diretas, pintam e costuram banners, participam de pontos verdes – ocupações em locais públicos para promoção das nossas campanhas – e, em alguns casos, acorrentam-se na frente de empresas e se penduram em pontes para protestar ou chamar a atenção.

A relação do Greenpeace com seus voluntários envolve formação constante e treinamentos, como de escalada. Também em 2011 ocorreu o primeiro encontro nacional dos coordenadores dos grupos de voluntários de Belo Horizonte, Brasília, Manaus, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo durante três dias para compartilhar experiências e participar de capacitações de campanhas e oficinas.

CONFIRA ALGUMAS DAS ATIVIDADES DOS VOLUNTÁRIOS EM 2011:

JUNHO Samba pelas florestas

Em um Carnaval fora de época, os voluntários do Rio se juntaram a algumas escolas de samba e reuniram 3.000 pessoas em Copacabana para sambar em defesa do meio ambiente. Além de pedir para a presidente Dilma Rousseff desligar a motosserra, exigia-se um Código Florestal que protegesse as florestas brasileiras.

JULHO Festa Literária Internacional de Paraty

Durante a 9ª edição da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), evento que acontece próximo a Angra dos Reis, cidade onde estão instaladas as usinas nucleares de Angra 1 e Angra 2 e onde pretende-se construir Angra 3, voluntários de São Paulo e do Rio alertaram o público sobre as questões ambientais e os impactos envolvidos no uso da energia nuclear.

OUTUBRO Caravana Antinuclear em Pernambuco

Os municípios pernambucanos de Belém do São Francisco, Floresta, Itacuruba e Jatobá receberam a Caravana Antinuclear entre os dias 28 e 31 de outubro. Com exposições, debates, apresentações de teatro e cordelistas, o objetivo era alertar a população sobre os riscos da instalação de uma usina nuclear em Itacuruba.

NOVEMBRO Em busca dos senadores

Enquanto o novo Código Florestal tramitava no Senado, o grupo de voluntários de Porto Alegre procurou os senadores gaúchos Paulo Paim (PT), Ana Amélia Lemos (PP) e Pedro Simon (PMDB) para discutir questões relativas à nova proposta de legislação ambiental e pedir que eles ajudassem a proteger as florestas.



O PLANETA DÁ SEU ALERTA

O mundo já sente as consequências das mudanças climáticas: a redução do gelo ártico bate recordes com frequência; os eventos climáticos extremos, sejam ondas de calor e seca ou excesso de chuvas, causam prejuízos à agricultura ou inundações que cobram milhares de vidas. Essas são apenas algumas das evidências de que o uso de combustíveis fósseis vem alterando o clima do planeta.

Com a campanha de Clima e Energia, o Greenpeace expõe a urgência do problema e propõe soluções para evitar um futuro incerto. No Brasil, a principal vertente desta campanha são a implementação e a expansão das energias renováveis, com foco em solar, eólica e biomassa.

O Brasil é um dos poucos países do mundo com chance de ter sua matriz energética 100% limpa e renovável. Por isso, em 2011, o Greenpeace tentou reavivar o debate sobre o Projeto de lei de Renováveis, parado desde 2009 no Congresso, que auxiliaria o Brasil a transformar e limpar sua matriz energética. Também esforçou-se para mostrar que o



Agricultor em solo destruído pela seca do Rio Grande do Sul
©Greenpeace/Luana Parracho

país não precisa investir em energia nuclear quando tem Sol e vento abundantes e subaproveitados.

Também falamos dos riscos ambientais que o Brasil enfrenta ao impulsionar a indústria do petróleo em direção ao mar. Paraísos marinhos, como Abrolhos, correm risco de sofrer as consequências de uma atividade exploratória incapaz de oferecer segurança operacional a tão rica biodiversidade.

Confira nas páginas a seguir um resumo do trabalho da campanha de Clima e Energia no Brasil em 2011.

FAÇA O QUE EU DIGO NÃO O QUE EU FAÇO

Basta uma nova tragédia para lembrar o que a humanidade já sabe e o que o Greenpeace vem há muito tempo repetindo: não há segurança possível para a energia nuclear. Em março, o desastre de Fukushima, no Japão, forçou governos de todo mundo a reverem seus planos nucleares e reforçarem os requisitos de segurança das usinas existentes.

Já o Brasil não aprendeu as lições de Fukushima. Manteve os planos de construir Angra 3 com recursos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento econômico e Social) e internacionais – fundos europeus bancariam um terço dos custos do novo reator, tendo a Alemanha como fiadora.

Os alemães têm interesse em viabilizar a terceira usina nuclear brasileira, afinal Angra 3 emprega tecnologia sua. Acontece que, depois de Fukushima, o governo Merkel apresentou um plano para desligar seus reatores nucleares até 2022. Ou seja, quer fazer dinheiro no Brasil com uma energia que eles próprios consideram perigosa demais em seu território.



Protesto em frente ao Palácio do Planalto contra a construção da usina nuclear de Angra 3
©Greenpeace/Felipe Barra

Para expor estas contradições, o Greenpeace foi ao Congresso Nacional, ao Palácio do Planalto, ao BNDES e à embaixada da Alemanha no Brasil para protestar. Durante reunião da Eletronuclear, ativistas serviram uma refeição simbólica com alimentos contaminados por radioatividade.

A pressão do Greenpeace no Brasil e na Alemanha, somada ao questionamento sobre o uso de energia nuclear decorrente do acidente, levou o governo alemão à adiar a concessão do empréstimo e solicitar ao governo brasileiro estudos que confirmassem que a construção de Angra 3 seria segura. Além disso, o governo brasileiro retirou do Plano Decenal de Energia a construção de quatro novas instalações nucleares.

REVOLUÇÃO NA LEI

Em fevereiro, o Greenpeace foi ao Congresso Nacional para protestar e pressionar por mais agilidade na votação do Projeto de lei de Renováveis (PL 630/03), parado desde 2009 na câmara dos Deputados.

O Projeto de Lei de Renováveis é o marco legal que o Brasil precisa para impulsionar as energias renováveis no país e assegurar subsídios e prioridade às energias renováveis.

Em frente à cúpula da câmara, ativistas inflaram uma torre eólica de 25 metros, na qual era possível ler “Energia limpa. Voto no futuro”.



Ativistas sobem torre eólica infálvel no Palácio do Planalto

©Greenpeace/Rodrigo Baleia

Apesar do projeto não ter sido aprovado em 2011, foi estabelecida uma Frente Parlamentar pela Revolução Energética – nome inspirado no relatório Revolução Energética publicado pelo Greenpeace – que propõe um novo cenário para a energia no Brasil.

ONDE O PAÍS SE RENOVOU

Em busca do atual cenário das energias renováveis no país, o Greenpeace viajou do Norte ao Sul do Brasil registrando em fotografias, vídeos e entrevistas as placas solares que iluminam casas e ruas nas comunidades ribeirinhas na Amazônia, os parques eólicos que já estão em funcionamento e movimentando a economia de muitas cidades, além das usinas que são movidas por material que antes seria descartado, como o bagaço da cana.

Os depoimentos e as imagens colhidos comprovam que as energias renováveis já fazem parte da rotina de muitos brasileiros e, mais do que isso, ainda têm um enorme potencial a ser explorado.

O mercado de renováveis no Brasil se intensificou, e a defesa feita pelo Greenpeace há anos começa a dar frutos. A energia eólica, por exemplo, deu um salto em 2011: a produção cresceu 63%, um aumento recorde para o país, indo de 927MW para 1.509MW. Ao mesmo tempo, o preço caiu: de R\$ 311 MWh, em 2005, para R\$ 105, em 2011 - o mais baixo do mundo no ano.

Essa é uma clara demonstração de que, com vontade política, investimentos e incentivos, o Brasil poderá ser o primeiro país a ter sua matriz energética livre de combustíveis fósseis.



O CLIMA DÁ O TROCO

No começo de 2011, eventos climáticos extremos mostraram que os efeitos das mudanças já se fazem sentir no Brasil. Em janeiro, o Rio Grande do Sul enfrentou a pior estiagem da sua história, prejudicando principalmente os produtores rurais locais. Já na região serrana do Rio de Janeiro, choveu em um dia 95% do que era esperado para o mês inteiro.

A tempestade provocou deslizamentos que devastaram os morros da região, mataram centenas de pessoas e desabrigaram outras milhares. O Greenpeace esteve em dois Estados, viu e registrou as consequências. Cientistas alertam que, se não forem tomadas ações urgentes para mitigar os efeitos do aquecimento global, as secas e chuvas extremas vão ser cada vez mais frequentes e intensas.

O CARBONO É NOSSO

Enquanto chefes de Estado do mundo inteiro negociavam, na África do Sul, na COP 17 (a conferência de clima da ONU), o Greenpeace mostrava, no Brasil, a péssima contribuição do país para o clima. Em dezembro, foi publicado "O carbono do petróleo também é nosso", um retrato inédito da indústria do petróleo no Brasil e sua contribuição para as emissões globais.

Com base em dados coletados entre setembro de 2010 e agosto de 2011, foram analisados mais de 9.000 poços atualmente em operação no país, responsáveis por despejar na atmosfera cerca de 12% dos 2,4 bilhões de toneladas de CO₂ que o Brasil emite por ano.

Considerado o terceiro maior emissor do mundo, por conta principalmente das elevadas taxas de desmatamento, o Brasil só perde da China e dos Estados Unidos. Os planos de explorar a camada do pré-sal devem consolidar o país no alto deste ranking. Se todo este petróleo virar fumaça, 35 bilhões de toneladas de CO₂ serão emitidas em um prazo de 40 anos.

Plataforma de petróleo da
Bacia de Santos

©Greenpeace/Rodrigo Paiva/RPCI



SANTUÁRIO AMEAÇADO: A EXPLORAÇÃO DE ÓLEO EM ABROLHOS

A zona marinha de maior diversidade do Atlântico Sul na mira de dez empresas petrolíferas: foi essa a denúncia que fizemos em agosto, apontando que atividades nas imediações do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos colocaria em risco a verdadeira riqueza da região, a biológica.

Junto à denúncia, lançamos um pedido às empresas: uma moratória de exploração de gás e petróleo nos arredores do parque.

A Petrobras, em dezembro, sinalizou que a empresa tinha a intenção de contribuir e, com o governo federal, determinar um raio de segurança no entorno de Abrolhos. A estatal também passou a afirmar publicamente não ter interesse na exploração de óleo em Abrolhos, e o governo retomou o processo de ampliação do parque. A Companhia Vale do Rio Doce foi outra empresa que anunciou sua desistência de conduzir atividades petrolíferas na região.

Infelizmente nem todas as empresas se mostraram sensíveis à preservação de Abrolhos, e partimos para a ação. Uma delas foi a OGX, do empresário Eike Batista. Sem retornar aos pedidos do Greenpeace de conversar sobre o tema, a organização fez um protesto na porta da empresa e pediu uma audiência com a diretoria. Mas o silêncio permaneceu: após nove horas de ocupação do prédio, os ativistas foram retirados por uma tropa de choque da Polícia Militar do Rio.



Peixe-frade nos arredores de Abrolhos

© Greenpeace/Alcides Falanghe

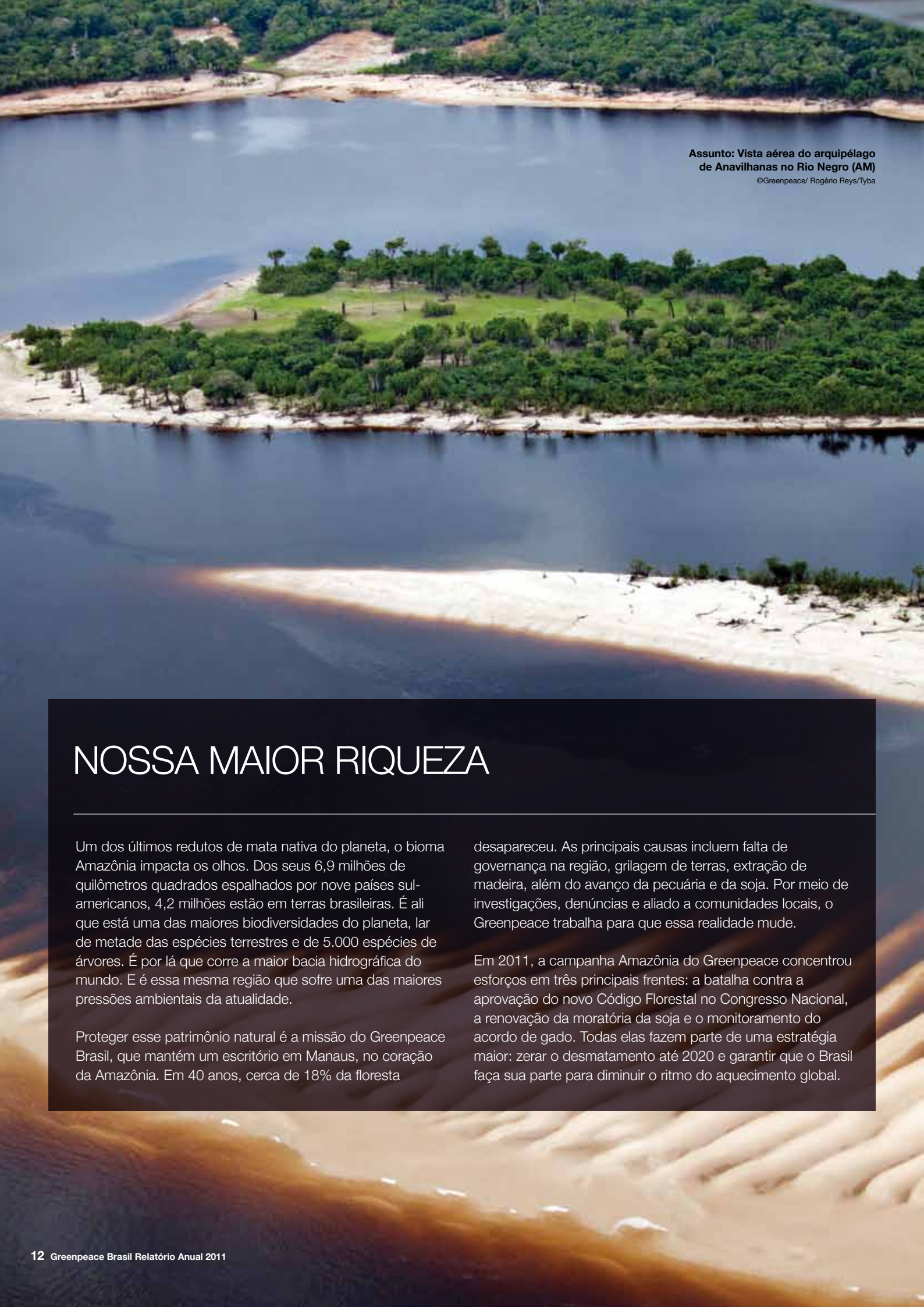
RESPOSTA RÁPIDA

A falta de segurança da exploração de petróleo em alto-mar, sobretudo nas profundezas da camada do pré-sal, ficou evidente em novembro de 2011, quando a petroleira norte-americana Chevron protagonizou o maior vazamento de petróleo já ocorrido no mar brasileiro.

O Greenpeace protestou. Diante da sede da empresa no Rio, ativistas derramaram “óleo” (na verdade, uma mistura de água com tinta atóxica), levando o banner “Chevron: sua sujeira, nosso problema”.



© Greenpeace/Givan Barreto



Assunto: Vista aérea do arquipélago de Anavilhanas no Rio Negro (AM)

©Greenpeace/ Rogério Reys/Tyba

NOSSA MAIOR RIQUEZA

Um dos últimos redutos de mata nativa do planeta, o bioma Amazônia impacta os olhos. Dos seus 6,9 milhões de quilômetros quadrados espalhados por nove países sul-americanos, 4,2 milhões estão em terras brasileiras. É ali que está uma das maiores biodiversidades do planeta, lar de metade das espécies terrestres e de 5.000 espécies de árvores. É por lá que corre a maior bacia hidrográfica do mundo. E é essa mesma região que sofre uma das maiores pressões ambientais da atualidade.

Proteger esse patrimônio natural é a missão do Greenpeace Brasil, que mantém um escritório em Manaus, no coração da Amazônia. Em 40 anos, cerca de 18% da floresta

desapareceu. As principais causas incluem falta de governança na região, grilagem de terras, extração de madeira, além do avanço da pecuária e da soja. Por meio de investigações, denúncias e aliado a comunidades locais, o Greenpeace trabalha para que essa realidade mude.

Em 2011, a campanha Amazônia do Greenpeace concentrou esforços em três principais frentes: a batalha contra a aprovação do novo Código Florestal no Congresso Nacional, a renovação da moratória da soja e o monitoramento do acordo de gado. Todas elas fazem parte de uma estratégia maior: zerar o desmatamento até 2020 e garantir que o Brasil faça sua parte para diminuir o ritmo do aquecimento global.

Balão inflável com mensagem
ao Senado, em Brasília

©Greenpeace/Tico Fonseca

O CÓDIGO DA MOTOSSERRA

A campanha contra a aprovação do novo Código Florestal no Congresso Nacional vivenciou momentos cruciais em 2011. Durante todo o ano, o Greenpeace acompanhou as discussões e as votações do projeto de lei formulado pelo então deputado Aldo Rebelo.

Diversos protestos foram realizados país afora e em Brasília, em especial, levando a mensagem contra o desmatamento. A frase “Desliga essa motosserra” estampava a maioria dos banners sustentados pelos voluntários e membros da campanha.

No dia 25 de abril, a Câmara votou o projeto de lei no Plenário, aprovando um grande desastre ambiental para o Brasil. Para tentar conter um retrocesso maior no Senado Federal, para onde a matéria seguiu após a votação dos deputados, o Greenpeace formou uma coalizão com outras organizações.

O Comitê Brasil em Defesa das Florestas acompanhou todas as discussões no Senado, colaborando com análises sobre o assunto e levando a pauta à imprensa. A expectativa era que o governo, a partir de então, assumisse a liderança do projeto e que a sociedade fosse ouvida. Mas o tratorado ruralista ignorou até mesmo os alertas dos cientistas.

No dia 6 de dezembro, o Senado aprovou um texto que abria espaço para novos desmatamentos, anistiava criminosos ambientais e fadava as florestas brasileiras à destruição.

A partir de então, restava a pergunta: a presidente Dilma cumpriria sua promessa de campanha, de vetar qualquer tentativa de aumentar o desmatamento da Amazônia? Com a ajuda do Greenpeace, o “Veta, Dilma” chegou às ruas e às redes sociais, numa forte mobilização pública contra o maior retrocesso da legislação ambiental brasileira.



SOJA COM LASTRO AMBIENTAL

Enquanto os ruralistas do Congresso Nacional aqueciam as motosserras para desfigurar por completo o Código Florestal, as 25 companhias que fazem parte da Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais) e da Anec (Associação Brasileira de Exportadores de Cereais) assinaram, em outubro de 2011, a renovação da Moratória da Soja pelo quinto ano consecutivo.

Após campanha do Greenpeace, a moratória foi firmada em 2006, quando a indústria da soja percebeu que seus consumidores não aceitariam mais financiar um produto que promove o desmatamento da Amazônia.

Com isso, os empresários do setor demonstraram que é possível conciliar desenvolvimento econômico e conservação ambiental, já que durante os dez anos, inclusive durante os cinco anos do acordo, a produção do grão registrou crescimento de 15%, enquanto que o desmatamento na Amazônia apresentou as menores taxas de desmatamento registradas desde 1988.

Esse compromisso é uma vitória conquistada pelo Greenpeace e funcionou como um instrumento de inibição de novos desmates, principalmente no Mato Grosso, onde se conteve o desmatamento ilegal da floresta para o plantio de grãos.

MONITORAMENTO CONSTANTE

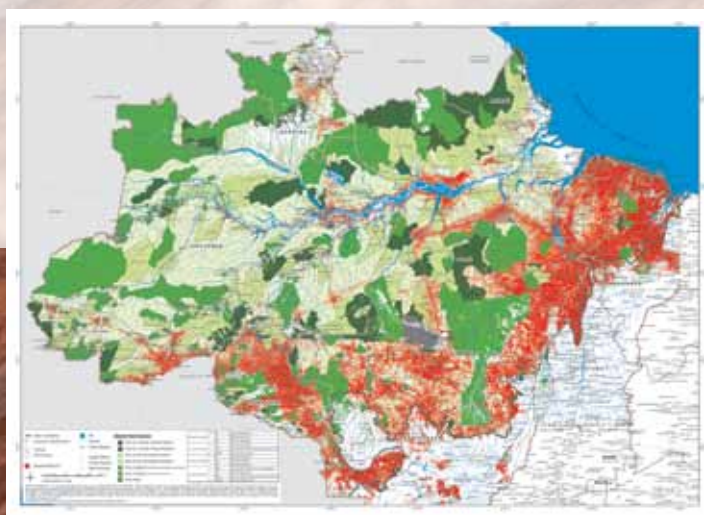
Monitorar 4,2 milhões de quilômetros quadrados de floresta espalhados por nove Estados do Brasil é tarefa hercúlea quando o assunto é a Amazônia. Desde 2007, o Greenpeace estruturou seu departamento de mapas para identificar com mais precisão onde a mata nativa está sendo consumida e, assim, apontar as causas e denunciar crimes ambientais.

A atualização do Mapa do Desmatamento da Amazônia, publicado em 2011, é fruto deste trabalho e oferece subsídios para a campanha Amazônia do Greenpeace. A edição mostra o avanço do arco de destruição que vem comendo a Amazônia pelas beiradas desde a década de 1970. Cerca de 750 mil quilômetros quadrados de mata nativa já foram consumidas, quase 18%.

No material pode-se constatar a evolução da derrubada da floresta desde 1988, ano em que o Inpe (Instituto Nacional

de Pesquisas Espaciais) começou a produzir as Taxas Anuais do Desflorestamento da Amazônia Legal. A partir de 2002, estas estimativas começaram a ser produzidas segundo a metodologia Prodes.

Os picos de destruição da floresta foram registrados em 1995 e em 2004, quando foram derrubados 29.059 e 27.772 quilômetros quadrados, respectivamente. O mapa traz ainda números gerais sobre a Amazônia em relação à sua extensão, fauna, flora, população, armazenamento de carbono pela floresta, entre outros.



RELATÓRIO FINANCEIRO 2011

DESPESAS (em R\$ mil)

	2011	2011	2010
Campanhas	4.702	30%	25%
Relacionamento com colaboradores	3.481	22%	20%
Organizacional	3.133	20%	26%
Pesquisa de campo e apoio a campanhas	2.779	18%	16%
Informação pública e difusão	1.555	10%	13%
TOTAL DESPESAS	15.650	100%	100%

2011



2010



RECEITA (em R\$ mil)

Contribuições Greenpeace Internacional	9.514	61%
Contribuições de colaboradores do Brasil	5.918	38%
Financeiras/outras	185	1%
TOTAL RECEITAS	15.617	100%



VALORES E PRINCÍPIOS

O Greenpeace é uma organização global e independente que atua para defender o ambiente e promover a paz, inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos. Investigando, expondo e confrontando crimes ambientais, desafiamos os tomadores de decisão a rever suas posições e adotar novos conceitos. Também defendemos soluções economicamente viáveis e socialmente justas, que ofereçam esperança para esta e para as futuras gerações.

Nossos valores – independência, não-violência, confronto pacífico e engajamento - são a expressão dos princípios que nos guiam e em que acreditamos. Utilizamos estes valores para orientar o desenvolvimento de nossas campanhas, nossa comunicação e nossa mobilização de recursos.

greenpeace.org.br

Greenpeace Brasil
Rua Alvarenga, 2.331
Butantã, São Paulo-SP
05509-006
(11) 3035-1155

GREENPEACE



O selo FSC® garante que este produto foi impresso em papel feito com madeira de reflorestamentos certificados de acordo com rigorosos critérios sociais, ambientais e econômicos estabelecidos pela organização internacional FSC® (FOREST STEWARDSHIP COUNCIL® / Conselho de Manejo Florestal).